

## DIÁRIOS: ESCRITA E LEITURA DO MUNDO

Sheila Dias Maciel  
Departamento de Educação  
UFMS, Três Lagoas, MS

**Resumo:** O objetivo deste ensaio é lançar luz sobre a forma confessional do Diário, gênero literário que, além de ser uma tentativa de relato autobiográfico, é uma prática de escrita e de leitura que mantém-se vigente através dos séculos, impulsionada por motivos historicamente diversos, mas, sobretudo, por ser uma produção voltada para o que há de melhor em nós, ou seja, a nossa singularidade.

**Palavras-chave:** diário, literatura confessional, prática de escrita, prática de leitura.

**Abstract:** The aim of this work is to turn lights into the confessional kind of Diary, a literary gender wich, besides being an attempt of an autobiographic narrative, is a writing and reading practise that has been used through the centuries, motivated by different historical reasons. Above everything the survival is due to a production which focus what is best in ourselves, or in our singularity.

**Key-words:** diary, confessional literature, writing practise, reading practise.

### Introdução

Estamos vivendo um tempo em que formas narrativas menos tradicionais vêm ganhando espaço no gosto da maioria dos leitores. Relatos, autobiografias, memórias, diários e todo um universo de escrita confessional figura nas listas de livros mais vendidos de “ficção” e de “não ficção”.

Estas formas literárias viraram moda e é muito claro o enraizamento de um apelo confessional ou autobiográfico em nossa sociedade, já que não há mais lugar no mundo para grandes narrativas legitimadoras, como defende J. F. LYOTARD (1993, p.69).

Dentre estes textos específicos aparecem os Diários, narrativas paradoxais que transitam livremente entre as categorias de “ficção” e de “não ficção” e que são, além de um testemunho biográfico, uma prática de escrita e de leitura – exercício de estar no mundo.

## 1. Diários como escrita do mundo

*Pergunto-me finalmente se a pulsão fundamental que leva a manter um diário, não seria, simplesmente, a necessidade de escrever.*

*Béatrice Didier*

O teórico Philippe LEJEUNE, ao ingressar no universo dos diários, pergunta-se, após uma enquete sobre o assunto, qual seria a razão pela qual pessoas que não são escritoras mantêm, ainda hoje, um diário. (LEJEUNE, 1994, p.55).

Para os escritores, um diário íntimo se converte num depósito de escritura, um tipo de exercício que permite manter um certo equilíbrio e constância nos períodos de menor criação e facilitar a criação em épocas de atividade plena. Além disso, um diário é um texto que gera outros textos, uma espécie de gênese para outras escrituras, elo frutífero para quem trabalha com literatura.

Se para um escritor é perfeitamente legítimo manter um diário, poderíamos pensar, então, sobre qual seria a função da escrita em forma de diário na vida de uma pessoa comum.

Um diário é uma crônica cotidiana de uma experiência pessoal e quem o escreve (e se inscreve) interessa-se por anotar pequenas coisas do dia-a-dia ao lado das grandes dúvidas e indagações humanas.

Para se compor um diário só é necessário escrever periodicamente, percebendo o imediato, seguindo a monotonia infringida pela repetição dos dias. Três elementos são fundamentais nesta composição: o narrador escreve em primeira pessoa sobre si e sobre a realidade diária, não tendo acesso ao futuro e mantendo uma periodicidade, ainda que variável.

Aparentemente, é a facilidade do gênero que parece permitir a tantas pessoas comuns se aventurarem pelo universo da escrita. A escolha por este gênero específico, no entanto, é só uma segunda escolha, sendo a primeira, a de ceder à pulsão fundamental da escrita.

Ao lado da escolha por escrever, o gênero diário é tão popular porque casa-se bem com o desejo humano de salvar-se da morte. Quem escreve um diário íntimo se coloca a salvo do caos, sente o amparo dos dias comuns e se protege, pela regularidade feliz que se compromete a manter, da falta de apoio que o tempo nos impõe. Escrevemos, como afirma Maurice BLANCHOT: “para salvar la escritura, para rescatar su vida mediante la escritura, para rescatar su pequeño yo o para salvar su gran yo dándole aire, y entonces se escribe para no perderse en la pobreza de los días.”<sup>1</sup> (1996, p.51).

---

<sup>1</sup> “para salvar a escritura, para resgatar sua vida mediante a escritura, para resgatar seu pequeno eu ou para salvar seu grande eu dando-lhe vida, e escreve-se, também, para não se perder na pobreza dos dias”

Segundo Anna CABALLÉ (1995), a falta de correspondência entre o íntimo e o exterior determina o ponto de partida para tecer a meditação que, de uma maneira ou de outra, requer o feito de escrever um diário.

Já para Flávio AGUIAR (1997, p.166), “escreve um diário aquele que não sabe se ou como vai durar” A incerteza da permanência, sobretudo por parte dos escritores, parece impulsionar a escrita em forma de diário. Ao lado das obras completas, um diário do escritor servirá para que, ao entrar na posteridade, uma palavra a mais se acrescente e permaneça.

Na verdade, muitos são os motivos para se escrever um diário. Philippe LEJEUNE (1996, p.74) admite que manteve um diário nos seus anos de juventude por falta de alguém com quem pudesse conversar: “En mi adolescencia escribía un diario porque tenía nadie con quien hablar. El milagro fue que todo cambió. Mi interés por el diario se há ido convirtiendo en factor de socialización.”<sup>2</sup>

Este motivo, aparentemente simples, parece ser um fator crescente na atualidade. Como consequência da evolução tecnológica, da era dos computadores e da função social que a televisão acaba por abarcar, sobra muito pouco tempo para o diálogo.

O fato é que, ou assistindo a programas que eximem o telespectador de pensar ou navegando por experiências virtuais na Internet, o homem atual pode desprezar uma parcela que é importante, já que sem o contato com o texto e sua organização, perde-se a capacidade de raciocinar e recriar a mensagem impressa.

Manter um diálogo consigo por meio das folhas de um diário pode ser uma espécie de resposta à solidão que ronda o ser humano nestas últimas décadas. Para afugentar a solidão, o estatuto do diário contém o clima de confiança, pois contamos nossa vida íntima para um amigo, um interlocutor, assim como fez Anne Frank, solitariamente, ao redigir seu diário nos infindáveis dias de clausura.

Escrever um diário é, portanto, um ato próximo do comportamento mítico, como alerta Antonello MOREA (1998, p.797), já que na incessante ocupação de traçar nas páginas do diário as próprias reflexões e ações, na incessante sede de descrever-se, podemos reconhecer a mesma luta contra o tempo cronológico que passa indefectível.

No vaivém cíclico e repetitivo de um texto que retrata eventos cotidianos está a esperança de libertação deste peso sufocante, que é o tempo morto para sempre.

Estamos vivendo um momento em que a Cultura, a Literatura, a História e o futuro parecem mergulhar num mundo em que as certezas ruíram. Neste labirinto, sem o fio de Ariadne a nos amparar, acabamos por tecer um retorno ao “eu”, comprovado pelas estatísticas das livrarias, já que, em nossos dias, os diários, as memórias e as autobiografias são, como aponta Flávio AGUIAR (1997), juntamente com os romances, as leituras preferidas pelo público.

---

<sup>2</sup> “Em minha adolescência escrevia um diário porque não tinha ninguém com quem conversar. O milagre foi que tudo mudou. Meu interesse por diários se converteu em fator de socialização.”

Esta obstinação em traçar o cotidiano – sentimentos, pensamentos, ações, desejos – é uma das formas mais interessantes e válidas da literatura porque incide diretamente sobre o próprio homem, iluminando-o.

## 2. Diários como leitura do mundo

*El diario no se habría convertido en un género literario si no encontrase una multitud de lectores, que sienten una ardiente necesidad de tales revelaciones.*<sup>3</sup>

*Alain Girard*

Se muitos são os motivos para escrever um diário, apenas um move cada vez mais leitores a buscar textos autobiográficos: a curiosidade, o desejo humano de conhecimento que pode se transformar numa busca obsessiva por uma individualidade perdida ou ameaçada.

Do ponto de vista do leitor, quanto mais o escritor de diários descreve pequenos detalhes e multiplica suas reminiscências concretas em aparências triviais, mais agrada, já que esta intimidade da confissão conduz ao reconhecimento de si no outro, nas diversas facetas do ser humano.

Este reconhecimento, no entanto, fruto da leitura, é comum a qualquer leitor, não somente ao de textos autobiográficos. A diferença está na crença da realidade descrita, já que nas repetições de um texto diarístico, os olhos do leitor inventam o texto que ele está lendo sem perceber que o processo criativo se coloca em várias situações, tanto para induzi-lo a pensar que o que está escrito não é nada mais que um simples documento que contém anotações e fatos da realidade do autor, quanto para que ele se identifique com este “real” que supõe existir nas linhas do diário.

Segundo Flávio AGUIAR (1997, p.166), “prefácios, diários, anotações, mesmo memórias, escreveram-se em busca de formulação, ou esperança, de um leitor que pudesse ler as obras, os momentos históricos, para além de seus dilaceramentos, vistos como circunstanciais.”

Realmente alguns diários de escritores parecem uma chave para ingressar na obra ficcional de seus autores. O diário, então, funcionaria como um ponto de referência para arrebanhar leitores dispersos. O “outro” figura de diversas maneiras nestes escritos, ou como possível leitor, ou como assunto registrado.

De fato o “outro” parece freqüentar muitas vezes as páginas de diários. Por mais íntimo que seja, freqüentemente estes textos têm seus registros, encontros e conversas a tal ponto mencionados que o “eu” do autor passa para segundo plano. Para Béatrice DIDIER (1991, p.24): “Le journal qui pourrait sembler le refuge de l’individu et le lieu

---

<sup>3</sup> “O diário não se converteria em um gênero literário se não encontrasse uma multidão de leitores, que sentem uma ardente necessidade de tais revelações.”

privilégié du secret, est, en fait, un genre fort ouvert à la présence d'autrui. L'autre est d'abord le sujet de beaucoup de pages. Car, si le diariste a tendance à s'analyser lui-même, très vite cette analyse devient celle de ses rapports avec autrui."<sup>4</sup>

A relação com o “outro” está presente na idéia de ser lido, como assunto ou tema de conversa e como receptor possível da obra. A estrutura narrativa fragmentária, uma das características da escritura diáresca, torna-se coerente não apenas por sua construção, mas pelas leituras possíveis que a forma do diário comporta.

Desbravar um diário pela leitura é, portanto, construir, ao lado do seu autor, uma alma de papel.

### **Considerações finais**

Estando em frente a um diário é necessário visualizar sua produção e recepção: um tipo de escrita e uma forma de leitura – impulsos variados movem quem escreve e quem lê, mas tudo se volta para a criação de um mundo particular, único.

Quem escreve estende-se no espaço e no tempo cronológico para fornecer uma imagem que nasça das anotações cotidianas que são impressas sobre a página. A estrutura narrativa do diário revela o tempo íntimo do escritor, a micro realidade que o circunda e a universalidade que reside no senso de existência de cada um.

Quem lê busca identificação e autoconhecimento e acaba por criar um mundo a partir do mundo proposto pelo escritor de diários. Buscando verdades impossíveis, o leitor se depara com a “verdade da vida contada”, pois, o que importa é a verdade dentro da ficção.

Em relação à enunciação, a escrita em forma de diário é marcada pela estrutura fragmentada dos dias: o enunciado pode se repetir a situações e eventos, descrições, sensações pungentes, tudo reduzido a datas cronológicas.

A escrita cotidiana se transforma numa espécie de ato religioso que acaba por recordar o conto mítico, na sua forma de expressão exemplar da existência. E esta exemplaridade torna o diário um texto que tem muito a oferecer, a compartilhar com o leitor.

Se, como afirma W. BENJAMIN (1986, p.197), vivemos num tempo em que a experiência de narrar parece estar desaparecendo, ingressar numa narrativa deste gênero equivale a tornar-se um confidente de quem tem necessidade de narrar sua história, de não ser ignorado, ou seja, manter-se na contramão do tempo.

Um diário pode ser um registro com pretensão de verdade, uma busca de si mesmo, uma escrita narcísica, um texto hermético e uma ficção, sem deixar de ser, jamais,

---

<sup>4</sup> O diário, que poderia parecer o refúgio do indivíduo e o lugar privilegiado do segredo, é, de fato, um gênero muito aberto à presença do outro. O outro é em primeiro lugar o assunto de muitas páginas. Pois, se o diarista tem tendências a tecer análises de si mesmo, esta análise torna-se muito rapidamente a de suas relações com o outro.”

uma prática de escrita e de leitura que compartilha com seus leitores uma pulsão pela vida, pelo “eu” e pela permanência.

## Referências

AGUIAR, F. (org.) *Gêneros de fronteira: cruzamento entre o histórico e o literário*. São Paulo: Xamã, 1997.

BENJAMIN, W. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. 2.ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BLANCHOT, M. “El diario íntimo y el relato” In: *Revista de Occidente: El diario íntimo. Fragmentos de diarios españoles (1995-1996)*. Madrid: Fundación José Ortega e Gasset, n. 182-183, jul./ago. 1996.

CABALLÉ, A. *Narcisos de tinta: Ensayo sobre la literature autobiográfica en lengua castellana (siglos XIX y XX)*. Málaga: Megazul, 1995.

DIDIER, B. *Le journal intime*. 2.ed. Paris: PUF, 1991.

LYOTARD, J. L. *O pós-moderno*. 4.ed. Tradução de Ricardo Correa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

LEJEUNE, P. *El pacto autobiográfico y otros estudios*. Madrid: Megazul Endymion, 1994.

\_\_\_\_\_. “Carta abierta sobre el diario íntimo” In: *Revista de Occidente: El diario íntimo. Fragmentos de diarios españoles (1995-1996)*. Madrid: Fundación José Ortega e Gasset, n. 182-183, jul./ago. 1996.

MOREA, A. “Diario e tempo”. In: *Critica Letteraria*. Napoli: Loffredo Editore, n.101, Anno XXVI – fasc. IV. 1998.